

RESIGNIFICANDO NOÇÕES DE RISCO DE CONTÁGIO FRENTE HIV/AIDS ENTRE POLICIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kalline Silva de Morais⁽¹⁾; Rebeca Silva Bezerra⁽²⁾; Leidyanny Barbosa de Medeiros⁽²⁾; Flávia Maiele Pedrosa Trajano⁽²⁾; Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal⁽³⁾; Jordana de Almeida Nogueira⁽³⁾; Maria Eliane Moreira Freire⁽⁴⁾; Ana Cristina de Oliveira e Silva⁽⁴⁾
Centro de Ciências da Saúde/Departamento de Enfermagem Clínica/PROBEX

RESUMO

O projeto de extensão “Resignificando Noções de Risco de Contágio frente HIV/AIDS entre Policiais”, se baseia numa proposta intervencionista, com enfoque preventivo que instrumentaliza conhecimentos técnico-científicos sobre a HIV/AIDS entre Policiais, objetivando a sensibilização a respeito dos próprios comportamentos em relação à doença e aos doentes, de modo a estimular, mais do que uma idéia restrita de mudança de comportamento, uma resposta social. O objetivo consiste em relatar a experiência vivenciada na operacionalização do projeto de extensão desenvolvido em hospital de referência estadual para atendimento de pessoas com HIV/AIDS. Trata-se de um relato de experiência, vivenciado pelas docentes e discentes do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPB, sobre as atividades realizadas com policiais militares e agentes penitenciários que trabalham na custódia de presidiários internos. O projeto envolve o desenvolvimento de encontros com o público-alvo, utilizando-se como metodologia principal, as Rodas de Conversa, espaço onde são abordadas temáticas e onde os participantes expõem suas dúvidas, suas experiências de vida, seus medos, considerando-se suas vivências na custódia de presidiários internos. Os encontros envolvem uma dinâmica de apresentação; a instrumentalização do conteúdo a partir da roda e conversa; finalizando com uma atividade de avaliação do encontro por todos os participantes. Observa-se, na análise dos relatos, satisfação dos policiais e agentes com as atividades desenvolvidas, com importante contribuição no que diz respeito ao estímulo a reflexão sobre comportamentos e atitudes relacionadas à prevenção contra a infecção pelo HIV, como resultado dos esclarecimentos de dúvidas discutidas durante as reuniões, e proporcionando a partir da abordagem de situações práticas, informações sobre normas de controle de infecção hospitalar, e assim contribuindo com o serviço. As atividades implementadas permitem um espaço comum para a troca de informações e experiências entre discentes, docentes, policiais e agentes penitenciários, no qual mutuamente se beneficiam, visto que tais ações instigam, nos primeiros, a construção das competências conhecimento, habilidade e atitude para educação em saúde; e nos últimos, a reflexão acerca dos princípios que permeiam a situação de saúde/doença, com aumento das possibilidades de repercussão positiva sobre a situação de vulnerabilidade individual à infecção pelo HIV e por outros agentes infecciosos.

PALAVRAS-CHAVES: Vulnerabilidade; Educação em saúde; AIDS.

INTRODUÇÃO

A AIDS surgiu no início dos anos 1980, caracterizando-se como uma doença infectocontagiosa, incurável, com rápida disseminação, culminando com elevadas taxas de morbimortalidade, trazendo à população medos, temores e incertezas.

Assim, diante do desconhecido, a sociedade produziu representações apoiadas na ideia de doença contagiosa, incurável e mortal, recrudescendo o conceito de “peste”, cujo significado representava uma ameaça extrema à sociedade, atrelada a atitudes de evitamento daquele que a portava. Cabe destacar neste contexto que a AIDS era uma doença associada à deformação física e estava relacionada à grupos considerados discriminados e marginalizados, como os homossexuais, usuários de drogas injetáveis e as prostitutas. Essa forma de representá-la resultou na caracterização como doença maligna, mobilizando sentimentos e preconceitos arraigados e evocando comportamentos e políticas discriminatórias, principalmente em relação aos grupos supracitados, transformando-se, ela mesma, em um grande estigma (ALMEIDA; LABRONICI, 2007).

Com a evolução temporal e tecnológica, houve importantes avanços científicos no que diz respeito ao HIV/AIDS e, especialmente, no que tange às políticas públicas de prevenção e tratamento, de forma que a morte, a que estavam inevitavelmente destinados os portadores do HIV/AIDS, tem se transformado na possibilidade de poder levar uma vida relativamente normal e com qualidade. Na perspectiva da prevenção por sua vez, o paradigma da existência de grupos de risco, e mais recentemente de comportamento de risco, dá lugar a valorização do conceito de vulnerabilidade e a compreensão de que todos os indivíduos são vulneráveis à aquisição do HIV (CARVALHO; GALVÃO, 2010).

No pólo das propostas preventivas, vêm surgindo trabalhos que, especialmente a partir da discussão sobre vulnerabilidade (MANN; TARANTOLA, 1996; PARKER; CAMARGO 2000), propõem ações não restritas ao componente informação, buscando trabalhar com aspectos mais estruturais ou contextuais que determinam a exposição ao HIV.

De acordo com Ayres (*et al.*, 2003), a avaliação de vulnerabilidade no plano individual, ocupa-se, basicamente, dos comportamentos que criam a oportunidade de infectar-se e/ou adoecer, nas diversas situações já conhecidas de transmissão do HIV (relação sexual, uso de drogas injetáveis, transfusão sanguínea e transmissão vertical). Considera, entretanto, que os comportamentos associados à maior chance de exposição à infecção, adoecimento ou morte não podem ser entendidos como decorrência imediata e exclusiva da vontade dos indivíduos, mas relacionam-se ao grau de consciência que esses indivíduos têm dos possíveis danos decorrentes de tais comportamentos e, especialmente, ao poder de transformação efetiva de comportamentos a partir dessa consciência.

Segundo os mesmos autores, essas diferentes possibilidades de os indivíduos obterem informações e fazerem efetivo uso delas já remetem à vulnerabilidade social. Por fim, conectando o plano individual e o social, está o plano programático, pois a vulnerabilidade de cada indivíduo está diretamente relacionada ao modo como os serviços de saúde e os demais serviços sociais, como a educação, permitem que, em contextos determinados, se mobilizem

frente aos recursos necessários para a proteção das pessoas à infecção e ao adoecimento pelo HIV (AYRES *et al.*, 2003).

Partindo destes pressupostos, o conceito de vulnerabilidade ao HIV/AIDS, em linhas gerais deve ser compreendido como um esforço de produção e difusão de conhecimento, debate e ação sobre os diferentes graus e naturezas de suscetibilidade de indivíduos e coletividades à infecção, adoecimento e morte pelo HIV, segundo particularidades formadas pelo conjunto dos aspectos individuais, sociais, e programáticos que os põem em relação com o problema e com os recursos para seu enfrentamento.

Durante as aulas teórico-práticas da disciplina Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso II, em hospital de referência para atendimento de indivíduos com AIDS, são implementadas atividades de educação em saúde voltada aos policiais que trabalham na custódia de presidiários internos que objetivam, além de despertar nos discentes as competências conhecimento, habilidades e atitudes para educação em saúde, junto às comunidades, vislumbram a descoberta das concepções do público alvo, sobre formas de riscos de contágio e medidas de prevenção adotadas, não apenas frente ao HIV, mas às infecções oportunistas.

Na ocasião, a observação livre de docentes e discentes participantes sinalizou a existência de concepções equivocadas do risco de contaminação por parte de muitos policiais, gerando atitudes preconceituosas quando da interação com os presidiários doentes.

Considerando que o foco da educação em saúde esta voltado para a população e para a ação, e que em linhas gerais seus objetivos envolvem o encorajamento das pessoas para adotar e manter padrões de vida saudáveis; usar de forma judiciosa e cuidadosa os serviços de saúde colocados à sua disposição e tomar suas próprias decisões, tanto individual como coletivamente, visando melhorar suas condições de saúde e as condições do meio ambiente (BRASIL, 2011), justifica-se a importância do desenvolvimento de trabalho educativo e da valorização das questões de gênero como foco de ações específicas para homens e mulheres no planejamento das políticas públicas de saúde, valorizando as diversidades culturais e regionais das coletividades (GARCIA; SOUZA, 2010).

Emergiu, portanto, a proposta de projeto intervencionista, com enfoque preventivo que instrumentaliza conhecimentos técnico-científicos sobre a HIV/AIDS entre policiais, objetivando a sensibilização a respeito dos próprios comportamentos em relação à doença e aos doentes, de modo a estimular, mais do que uma ideia restrita de mudança de comportamento, uma resposta social.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por discentes e docentes na operacionalização do projeto “Resignificando Noções de Risco de Contágio frente HIV/AIDS entre Policiais” que têm como objetivo geral a implementação de um programa de educação em saúde com foco na prevenção da infecção pelo HIV entre policiais do gênero masculino que trabalham na custódia de presidiários internos em hospital de referência para atendimento de pessoas com HIV/AIDS.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado pelas docentes e discentes do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba com a utilização de revisão de literatura para fundamentar as práticas implementadas. O projeto que têm como público-alvo Policiais Militares e Agentes Penitenciários do gênero masculino que trabalham na custódia de presidiários internos tem sido desenvolvido no Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Dr. Clementino Fraga, referência estadual para o tratamento de pessoas com tais enfermidades, com operacionalização de junho a dezembro de 2011.

RESULTADOS

As atividades de educação em saúde são desenvolvidas na Sala de Oficina Terapêutica do CHCF, às segundas-feiras, no turno da tarde com duração de 2 horas, durante os horários de revezamento entre os policiais.

As atividades que antecedem os encontros consistem em reuniões de planejamento envolvendo toda a equipe executora e vinculada ao projeto, onde são definidos coletivamente o recorte temático, os recursos e estratégias complementares à roda de conversa, que subsidiarão a atividade de educação em saúde.

As atividades de educação em saúde em si são constituídas por quatro momentos: aplicação de dinâmica a fim de motivar o envolvimento dos integrantes do grupo; avaliação diagnóstica da compreensão e experiências de vida dos policiais relacionadas ao conteúdo selecionado; instrumentalização dos conteúdos; e avaliação do encontro pelos participantes.

A instrumentalização dos conteúdos tem sido desenvolvida por meio de Rodas de Conversa que, Segundo Mélo (*et al.*, 2007), permite uma maior troca de informações na medida em que constrói um cenário fértil para o desencadear de discursos e relatos entre pesquisadores e participantes, tendo início com a exposição de determinada temática que prossegue com os relatos das impressões de cada participante sobre o tema em destaque, de modo que todos tem voz e vez, argumentando e contra-argumentando, favorecendo a propagação dos saberes.

Logo, por meio das Rodas de Conversa e utilizando a técnica do círculo de cultura, partimos de situações e contextos vivenciados pelos policiais e agentes, instigando-lhes à discussão dialógica sobre os conteúdos selecionados; utilizando de estratégias que estimulam a postura reflexiva e a contextualização dos problemas nas suas realidades, para identificar aspectos individuais que os deixam vulneráveis ao HIV/AIDS.

À medida que as temáticas são abordadas, os participantes expõem para os demais suas dúvidas, suas experiências de vida, seus medos, partindo de suas vivências na custódia de presidiários internos, ou seja, cada pessoa contribui com alguma informação,

compartilhando saberes e refletindo sobre determinadas atitudes, comportamentos e concepções que os deixam mais susceptíveis à infecção pelo HIV ou por outro agente infeccioso, inerente ao ambiente hospitalar.

O convite a auto-reflexão tem ocorrido por diversas vezes de maneira natural e espontânea, certamente induzida pela própria condição de diálogo e da situação de igualdade que o grupo busca estimular, defendendo que profissionais de saúde, policiais e agentes encontram-se em situações semelhantes de exposição a infecções hospitalares. Reafirmando a roda de conversa como estratégia eficaz na busca de troca de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre pessoas.

Na etapa de avaliação cada participante expõe suas impressões e críticas a respeito da experiência. Observa-se, na análise dos relatos, satisfação dos policiais e agentes com as atividades desenvolvidas, com importante contribuição no que diz respeito ao estímulo a reflexão sobre comportamentos e atitudes relacionadas à prevenção contra a infecção pelo HIV, como resultado dos esclarecimentos de dúvidas discutidas durante as reuniões, e proporcionando a partir da abordagem de situações práticas, informações sobre normas de controle de infecção hospitalar, e assim contribuindo também com o serviço.

Durante as reuniões de planejamento os discentes e docentes envolvidos no projeto avaliam os encontros passados identificando as fragilidades e potencialidades da metodologia utilizada frente aos objetivos traçados, considerando também a avaliação dos policiais e agentes na última etapa do encontro. Esta etapa avaliativa torna-se relevante e necessária ao planejamento das atividades futuras para fortalecer as ações do projeto frente ao alcance dos objetivos propostos.

CONCLUSÃO

As atividades implementadas permitem um espaço comum para a troca de informações e experiências entre discentes, docentes, policiais e agentes penitenciários, no qual mutuamente se beneficiam, visto que tais ações instigam, nos primeiros, a construção das competências conhecimento, habilidade e atitude para educação em saúde; e nos últimos, a reflexão acerca dos princípios que permeiam a situação de saúde/doença, com aumento das possibilidades de repercussão positiva sobre a situação de vulnerabilidade individual à infecção pelo HIV e por outros agentes infecciosos, sobretudo presentes no ambiente hospitalar.

As atividades desenvolvidas têm focalizado, não apenas a redução da vulnerabilidade individual à infecção pelo HIV e/ou outros agentes infecciosos relacionados às atividades da custódia, mas têm colocado a equipe em discussões que permeiam a busca por melhores condições de trabalho e a sensibilização dos indivíduos para a importância de assumirem postura participativa, instigando suas habilidades de comunicação e a idéia de parceria, junto aos profissionais da saúde, frente ao controle e prevenção de infecções hospitalares.

Através do projeto vivenciamos a criação de uma prática educativa democrática voltada para saúde, que considera a diversidade, inclusive de formação, e confira poder aos sujeitos com base na busca permanente de valores de cidadania. Além disso, avaliamos que as atividades desenvolvidas são de grande relevância para a formação profissional das discentes, ao permitir maior interação com o conteúdo, instigar o raciocínio crítico sobre o processo saúde-doença, servindo de cenário para vivenciar todas as etapas das atividades de educação em saúde, desde o planejamento, até a avaliação das ações implementadas. Essa experiência também vem possibilitando valorização do trabalho em equipe, estratégia indispensável na execução das práticas de educação em saúde.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. R. C. B.; LABRONICI, L. M. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.12, n.1, Jan./Mar. 2007.
- AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, Dina; Freitas, Carlos Machado de. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p.117-139.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Educação Em Saúde: Histórico, Conceitos E Propostas*. In: Conferência Nacional de Saúde On-Line. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cns/datasus.htm> . Acesso em: 20 jun 2011.
- CARVALHO, C. M. de L.; GALVÃO, M. T. G. Sentimentos de culpa atribuídos por mulheres com AIDS face a sua doença. *Rev. Rene*. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 103-111, abril./jun. 2010.
- GARCIA, S; SOUZA, F. M. de. Vulnerabilidades ao HIV/AIDS no Contexto Brasileiro: Iniquidades de Gênero, Raça e Geração. *Saúde e Sociedade*. v.19 supl.2 São Paulo dez. 2010.
- MANN, J. TARANTOLA, D.J.M. *Vulnerability: personal and programmatic*. In: _____, eds. The global aids policy coalition. Aids in the world II. New York. Oxford University Press; p. 441-63, 1996.
- MELLO, R. P. et al . *Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, Dec. 2007.
- PARKER, R. e CAMARGO JR., K.R. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cad. Saúde Pública*, v. 16, supl.1, 2000, p. 89-102.